



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

DESCONSTRUINDO O SENSO COMUM DAS RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO

Autores: BRENDA DE SOUZA ALVES, ANDRÉ RAMOS CARLONI

Introdução

Vivemos numa sociedade onde a maioria das pessoas é tradicionalista, no sentido de buscar manter o *status quo* do cotidiano, isto é, tentam conservar as tradições durante várias gerações. Desta forma, a discussão a seguir gira em torno da questão de identidade de gênero, onde e quando começaram as primeiras discussões e como e até que ponto os saberes populares em seu cotidiano se constituem. Em um viés mais detalhado, tem-se o patriarcado, que se liga à questão da violência contra o suposto sexo frágil, o qual luta por igualdade de direitos, permitindo a livre expressão de cada um no aspecto da diversidade e da pluralidade, dentro do respeito a cada ser humano.

Esta concepção dos gêneros construída dentro de uma lógica dicotômica resulta o feminino e o masculino em uma forma fixa, preestabelecida, ignorando ou rejeitando todos os indivíduos que socialmente não se enquadram nesses padrões. Posto isto, faz-se necessário que a escola assuma a responsabilidade de desconstruir os vastos atributos sociais que pré definem a feminilidade e a masculinidade, assumindo um caráter pluralista, considerando a abrangência que caracteriza os sujeitos.

Deste modo, a relevância deste estudo associa-se ao fato de que ao longo do decurso educacional o indivíduo passa por um processo de ensino e aprendizagem que poderá auxiliar consideravelmente sua formação, enquanto cidadão crítico, ativo e reflexivo, correlacionado aos valores éticos, morais e sociais que estão presentes na sociedade. Compete à escola o papel de assegurar uma formação humanística que incite o educando a respeitar a diversidade no cotidiano e perceber o outro enquanto sujeito, seja no aspecto étnico, racial ou de gênero.

Material e métodos

Há uma busca constante por uma extensa pesquisa bibliográfica acerca da temática proposta, advinda da iniciação científica voluntária. Focou-se na leitura de diversos títulos e em grupos de estudo a respeito do proposto.

Além disso, privilegia-se difundir os conhecimentos obtidos, por meio de práticas de ensino em diversas escolas com a que ocorreu no Biotemas[1], quando se organizaram minicursos, os quais consistiram da mesma temática, no entanto, com a didática apropriada a cada idade, já que, ministraram-se os minicursos tanto para o ensino fundamental inicia quanto o final, para o ensino médio e também para o Ensino de Jovens e Adultos – EJA. Utilizaram-se slides e dinâmica para melhor apreensão do conteúdo, que versou acerca das Relações Sociais de Gênero que estão enraizadas em nossa sociedade concretizada pelo machismo e rebatimentos do patriarcalismo. A dinâmica seguiu o mesmo direcionamento, focando, sobretudo, o lema “Somos iguais, diversos e plurais, e todos merecemos respeito”.

Prevê-se também entrevistas com outros segmentos para se entender, sobretudo, os aspectos que corroboram os rebatimentos do machismo, sexismo e patriarcalismo em nossa sociedade.

Resultados e discussão



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Historicamente construída e levada por gerações, a problematização das relações sociais de gênero se segue na visão do homem forte, da mulher frágil; do homem como topo da cadeia e da mulher sendo menos valorizada. Diante desse cenário de construção não igualitária surgem-se os movimentos feministas por volta dos anos 1980, pela busca de igualdade e liberdade de expressão de seus anseios, no entanto, (...) a divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas (...) ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado (...) em todo o mundo social, e em estado incorporado, nos corpos e nos hábitos dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 1999, p.17).

Entender as relações de gênero como fundadas em toda a ordem social, permite compreender a posição das mulheres, em particular, como subordinada, e também a relação entre sexualidade e poder.

A sexualidade, longe de ser um “domínio da natureza” é considerada aqui como um “fato social” enquanto condutas, como fundadora da identidade e como domínio a ser explorado cientificamente (BOZON & GIAMI, 1999).

As mulheres que seguiam as ditas boas maneiras impostas por uma sociedade enclausurada no seu conservadorismo, rebelam-se diante destes em busca de seus direitos, exigindo o mesmo respeito que seu oposto, não sendo diminuídas comparadas a um homem. A questão de gênero nunca foi questão de biologia, apesar de que não se pode menosprezar a capacidade de um pela força do outro, na sua completitude, pode exercer e receber os mesmos direitos. Desta forma, grosso modo pode-se dizer que,

(...) o sexo é uma categoria biológica insuficiente para explicar os papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher. Gênero veio como uma categoria de análise das ciências sociais para questionar a suposta essencialidade da diferença dos sexos, a ideia de que mulheres são passivas, emocionais e frágeis; homens são ativos, racionais e fortes. Na perspectiva de gênero, essas características são produtos de uma situação histórico-cultural e política; as diferenças são produtos de uma construção social. [...] (CASTILHO, online).

A desigualdade de gênero posta pelo tradicionalismo, assim rotulando pelo gênero, a premissa de que isso é serviço de homem e não de mulher; mulher tem que ter postura; homem não brinca de boneca. São ideias impregnadas de maneira negativa. Vale atentar que cada qual tem o direito de fazer e agir como bem entender, sem ser rotulado pelo seu sexo.

Aplica-se a partir da identidade, estudando tanto o feminino quanto o masculino nas suas formas mais variadas. O gênero liga as relações entre homem e mulher, não individual uma a outra. O feminismo vai além dessas relações, pois mostram o poder em volta do feminino e a produção de injustiças a essas. Vê-se, assim, que “(...) a emergência da história das mulheres como um campo de estudo envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero; ou seja, da política para a história especializada e daí para a análise.” (SCOTT, 1992, pp.64-65).

Necessitou da reflexão crítica dada pelo fato da má representação da história da mulher, tanto na política quanto na envoltura das relações sociais. O não poder fazer aquilo; manter-se no seu lugar. É preciso um alavanco na reconstrução da história e no desenvolver da mulher como ser não menos importante do que o homem. Neste viés, pensa-se que,

Enquanto as políticas e as teorias pós-modernas trabalham com as idéias da possibilidade do fim da história, do social, e do político, a crítica feminista insiste, contrariamente, na articulação de suas questões com as determinações históricas e políticas. Se os principais falam de uma crise da representação e da morte do social, o segundo fala exatamente de uma luta pela significação. (HOLANDA, 1994, p.10).



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

A crescente luta do feminismo junto à questão de gênero segue oposto ao pós-modernismo com conceitos distintos, onde uns acham que deve diluir com as críticas e lutas políticas o outro contesta o contrário. De fato, é importante a luta pelos direitos, as reivindicações pelo que é seu não se submetendo à aceitação e ao tradicional.

No meio conservador, em geral machista, vemos o politicamente correto aplicado ao sexo feminino, com a superioridade do que se deve ou não fazer como o conceito se ação e reação pelas escolhas optadas por esse sexo. O feminino muitas das vezes é retraído a fazer algo pelo simples fato de que os outros vão pensar, até mesmo mulheres são pegadas pela onda machista da sociedade, a desconstrução de conceito para quem cresceu seguindo esses preceitos é um desafio e tanto. Como descrito na fala abaixo:

(...) se o Chudi dorme com outra mulher e você o perdoa, será que a mesma coisa aconteceria se você dormisse com outro homem? Se a resposta for 'sim', então sua decisão de perdoá-lo pode ser uma escolha feminista, porque não é moldada pela desigualdade de gênero. Infelizmente, a verdade é que na maioria dos casamentos, a resposta a essa pergunta em geral seria negativa por uma questão de gênero – aquela ideia absurda de que 'os homens são assim', o que significa que os padrões para eles são mais baixos. (ADICHIE, online).

A construção de gênero de empoderamento do feminismo é essencial para que as desigualdades sejam deixadas de lado, e que essas críticas de inferioridade sejam apagadas da história, a desconstrução desse conservadorismo é revolucionário. Expandindo o modo de pensar, somos iguais, somos fortes, e tão capazes quanto os homens, a forma tradicional impede o crescimento das mulheres devido às pequenas capacidades de pensando, antes de tentar já dizer que não é possível, que isso “é coisa de homem”. Isso só se torna uma verdade pelo fato de ignorar a tentativa e êxito da mulher, o medo de sempre acompanhados em tamanha igualdade, assusta. O gênero é pra ser trabalho em união e aceitado em relações de iguais, gênero não é individualismo.

Conclusão/Conclusões/Considerações finais

Durante a realização das oficinas no Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA, foi visto que as escolas constantemente instruem os educandos a viverem e obedecer a normas ditas “normais” pela sociedade, punindo, rejeitando ou excluindo todos aqueles que não condizem com essas perspectivas.

Este despreparo por parte da escola em abordar questões que aludem esta temática reflete a falha na formação dos profissionais que a compõem, tanto na graduação como na formação continuada, assim, é necessário que todas as gestões que constituem a escola se capacitem e invistam em problematizações referentes a gênero e diversidade sexual, para que atitudes de desnaturalização dos preconceitos e discriminações se tornem hábito e a dignidade humana e igualdade de direitos se tornem princípios norteadores para uma efetiva educação cidadã e libertadora.

A escola, enquanto instituição social desempenha um papel indispensável na formação integral dos sujeitos, assim, deve atuar como promotora de mudanças de paradigmas mediante a construção de saberes que propicie uma vida digna e não excludente. É incontestável que a escola enquanto instituição social é um espaço primordial para a produção e propagação de valores éticos, morais e humanitários, assim, faz-se necessário que a mesma assuma a responsabilidade de enfrentar e findar quaisquer formas de preconceito e discriminação por gêneros ou diversidade sexual, corroborando na garantia constitucional de educação na qualidade de direito fundamental de todos e todas.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

Agradecimentos

agradecemos à pró-reitoria de pesquisa pela oportunidade de realizar a iniciação científica voluntária.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas** – um manifesto. São Paulo: Companhia das Letras. Disponível em: <<http://www.justicadesaia.com.br/wp-content/uploads/2017/05/Para-Educar-Crian%C3%A7as-Feministas.pdf>>. Acesso em setembro de 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CASTILHO, Ela Wiecko Volkmer de. **O que é gênero**. Acesso em setembro de 2018. Disponível em: <<http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/pfdc/informacao-e-comunicacao/eventos/mulher/dia-da-mulher/verbet>>.

HOLANDA, Heloisa Buarque De. **O feminismo como crítica da cultura**, Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKER, Peter (org.). **A escrita da história** : novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992. Disponível em: <<https://teoriografia.files.wordpress.com/2015/05/a-escrita-da-historia-peter-burke.pdf>>. Acesso em setembro de 2018.